

A reavaliação da história dos Estados Unidos em *The Things They Carried* (1990), de Tim O'Brien

(Rodrigo Martini Paula - UNESP/Ibilce São José do Rio Preto)

Resumo:

Entre os anos de 1965 e 1975, os Estados Unidos se envolveram em um conflito armado no Vietnã, causando a morte de milhares de americanos e outros tantos feridos. Este sangrento conflito deixou marcas profundas na sociedade americana. Uma guerra que gerou tanta polêmica, tantos protestos, permanece na história daquele país como um momento trágico, representando um grande fracasso para as tropas americanas.

Tim O'Brien, um veterano do Vietnã (ele foi convocado pelo *draft*), em sua obra *The Things They Carried* (1990), mostra-nos as faces da batalha por uma ótica diversa da tradicional, pelo ponto de vista dos soldados, os que realmente sofriam todos os tipos de violência física e moral, apresentando novas verdades e questionando os conceitos de ficção e realidade.

Por meio da análise dos elementos constituintes da obra e tomando por base teorias do pós-modernismo, notoriamente o conceito de "metaficção historiográfica" proposto por Linda Hutcheon (1989), visamos mostrar como O'Brien coloca em xeque a História teleológica e totalizadora tradicional. Desta forma, o autor participa do projeto pós-moderno de reavaliar o passado histórico por meio da ficção, denunciando fatos omitidos e trazendo à tona as pequenas narrativas (*petit récits*) que são, de modo geral, ignoradas.

Palavras chave: Literatura e História, Guerra do Vietnã, Pós-Modernismo

De forma atenuada, do começo dos anos 60 a meados dos anos 70, os Estados Unidos envolveram-se em um conflito armado na Indochina com o objetivo de ajudar o Vietnã do Sul a vencer uma guerra civil contra o Vietnã do Norte e impedir que o país se tornasse comunista. Este conflito ficou marcado na sociedade americana devido ao grande número de mortos e à derrota para os Viet Cong.

Enquanto soldados voltavam para casa em caixões ou com horríveis seqüelas, outros eram alistados e enviados ao Vietnã sem o mínimo direito de contestar. O *draft*, alistamento obrigatório, forçou muitos jovens a fugirem do país ou a tomarem parte em uma guerra da qual discordavam. Liberdades civis foram colocadas em risco e a sociedade reagiu. Nessa época, floresceram os movimentos estudantis e populares.

Os negros, as mulheres e outras minorias começaram a lutar por seus direitos. Foi um momento de muitas mudanças no país.

As feridas desta guerra nunca foram realmente curadas. Tim O'Brien, um veterano desta guerra, não consegue esquecer sua experiência no sudoeste asiático. Em sua coleção de contos *The Things They Carried* (1990) ele faz uso da ficção para rever, visitar, investigar e abrir o conflito para novas perspectivas. O'Brien traz este episódio à baila e mostra para a sociedade americana que o conflito não foi tão simples quanto parecia e que muito mais foi perdido numa guerra confusa que custou a vida de mais de 50 mil americanos.

Com uma postura de oposição, O'Brien foi obrigado a lutar mesmo discordando e não sabendo os reais motivos do conflito. Como lemos em seu texto, “[...] *the American war in Vietnam seemed to me wrong. Certain blood was being shed for uncertain reasons*” (1990, p. 40). Todos os motivos apresentados pelo governo americano eram incertos e cheios de dúvidas.

Esta obra de Tim O'Brien permite ao leitor não somente entender um pouco mais sobre o que aconteceu com os soldados e com a sociedade americana, mas também compreender o que está em risco quando o país entra em uma guerra. Se o atual governo americano analisasse o que O'Brien tenta explicar, talvez a guerra hoje que ocorre no Iraque pudesse ser evitada.

Em seu texto *The Fictions of Factual Representation* (1978), o teórico Hayden White mostra como a História oficial aceita pela sociedade não é pura, objetiva e imparcial como se apregoa. O processo de escrever a História é tão parcial e subjetivo quanto o processo de escrever ficção. Para White, não existe uma divisão marcada entre os processos de produção da ficção e da História oficial. Ele assinala que, em certos pontos, estas duas formas de discurso se igualam, lembram e correspondem

uma à outra. Ambas precisam da verossimilhança e devem corresponder a um fato extra-textual. Ainda segundo White, o escritor de ficção e o historiador têm o mesmo objetivo: “*Both wish to provide a verbal image of reality*” (1978, p. 122).

White critica a noção tradicional da imparcialidade da História, isto é de que os fatos falam por si próprios sem interferência ou parcialidade do historiador. Para White,

“[...] the facts do not speak for themselves, but that the historian speaks for them, speaks on their behalf, and fashions the fragments of the past into a whole whose integrity is – in its representation – a purely discursive one” (1978, p. 125)

Assim, o historiador utiliza as mesmas estratégias discursivas que o autor de ficção para construir sua realidade dos fatos e sua História.

Linda Hutcheon, teórica canadense, parte dessas teorias sobre os discursos ficcionais e históricos e das teorias pós-estruturalistas acerca da natureza exclusivistas dos discursos (Foucault) e aponta como a História oficial não é teleológica e única. A História oficial passa a ser considerada apenas uma versão, dentre muitas outras, ou seja, uma verdade que só detém esse prestígio pois sua comunidade a considera como tal. Em seu texto “*Historiographic Metafiction: ‘The Pastime of Past Time’*” (1989), Hutcheon denuncia que apenas as verdades dos vencedores e dos dominantes são contadas enquanto as verdades das minorias são silenciadas. Seguindo o questionamento de Hutcheon, “*whose truth gets told*” (1989, p. 123), perguntamos nós, quem domina os discursos e cria a história considerada oficial?

Com base nestas teorias, Hutcheon mostra como, no período pós-moderno, a literatura participa ativamente do papel de escrever a história. Tendo em vista que os discursos do historiador e do escritor de ficção são, em termos discursivos, semelhantes, a obra literária passa a escrever, ou reescrever, a História oficial. Assim,

as vozes das minorias, antes silenciadas, passam a ser contadas por meio de obras ficcionais. Dessa forma, as grandes narrativas (*Grand Narratives*), a História oficial, começam a dar lugar às pequenas narrativas (*Pètit Récits*), às histórias regionais. A História teleológica é minada neste contexto.

Hutcheon denomina certas obras literárias que fazem uso da ficção para reescrever a História como obras de “Metaficção Historiográfica”. Estes textos usam a metaficção para investigar a História oficial e apresentar novas formas de interpretá-la. Hutcheon aponta que: “*Historiographic metafiction espouses a postmodern ideology of plurality and recognition of difference*” (1989, p. 114); portanto, a pluralidade do período pós-moderno, com a aceitação das diferenças, promove uma multiplicidade que permite que as vozes antes silenciadas agora sejam ouvidas. A História passa a ser reescrita e revisitada de forma crítica e diversa da tradicional.

As obras de “Metaficção Historiográfica” usam do próprio caráter de ficção para questionar sua veracidade. Elas freqüentemente questionam a importância da verdade ou apresentam diversas versões para um mesmo evento. Desta maneira, não se tornam fechadas e únicas. Os autores destas assumem que a narrativização dos fatos históricos não é imparcial e que não se pode acreditar que sejam. Seus textos sugerem que a História tem caráter de narrativa, não sendo desta forma imparcial. Com isso, notamos que a “Metaficção Historiográfica” pode auxiliar o leitor, de modo significativo, a entender determinado(s) fato(s) histórico(s).

The Things They Carried (1990), de Tim O’Brien, é uma obra pós-moderna que usa a metaficção para reavaliar a guerra do Vietnã e mostrar outras faces deste conflito. O’Brien reconta suas experiências desde a chegada do *draft* e as tensões no campo de batalha, até anos depois da guerra e o ato de escrever histórias como forma de investigar o passado.

Em seu primeiro conto, *The Things They Carried* (1990, p. 1-30), que abre o livro e dá seu título, O'Brien faz-nos ver a guerra do Vietnã pelo prisma dos soldados. Isto proporciona ao leitor uma melhor compreensão a respeito do impacto desta guerra nos jovens que nela lutaram e na sociedade americana como um todo. Podemos, então, concluir que guerras não fazem heróis; pelo contrário, elas só conseguem destruir as vidas dos que delas participam.

O'Brien descreve todas "as coisas" que os soldados carregavam durante a guerra. Como um narrador-jornalista, ele mostra toda a bagagem física e seus pesos. Havia objetos de *necessidade* vital, como comida, proteção, remédios e roupas; ou que dependiam da *função* de cada um, como mapas, bússola, binóculos, rádio e metralhadoras; ou ainda os que variavam de acordo com a *missão*, como repelentes, facões, detector de minas e explosivos; e, finalmente, alguns objetos de pura *superstição*, como a Bíblia, fotos, calcinhas da namorada, amuletos, pés de coelho e alguns objetos que possuíam uma segurança mágica. Além desta bagagem material, os soldados carregavam todas as pressões psicológicas que, muitas vezes, pesavam mais do que o equipamento. "*They all carried ghosts*" (1990, p. 10). Eles carregavam a reputação. Ao mesmo tempo o medo de serem considerados covardes ao fugir ou de serem mortos ao ficar. Medo, amor, ódio, orgulho, vergonha e lembranças que tornavam o cotidiano do soldado muito mais cansativo e perigoso do que a sociedade acredita ter sido.

O'Brien também mostra como os soldados carregariam coisas até mesmo depois da guerra, caso sobrevivessem. Eles carregariam cicatrizes, amputações, seqüelas e traumas. Bagagem esta que poderia acabar com o resto de suas vidas. Eles também carregariam cicatrizes psicológicas, lembranças horríveis que não os deixariam dormir. Estas lembranças durariam anos após a guerra. Mostrando todos

estes aspectos psicológicos que os soldados carregavam e que carregariam por toda a existência, O'Brien revela-nos que a guerra não é tão simples como nos é apresentada pela mídia. A guerra deixa marcas em todos os que nela servem. As seqüelas não são somente naqueles que foram feridos, mas em todos os enviados para o combate. Isto mostra como a guerra é cruel e suas marcas permanecem eternamente nos que passaram por esta experiência.

Em seu outro conto, *On The Rainy River* (1990, p. 39-61), O'Brien revê o impacto da guerra no jovem americano e em sua sociedade. Neste texto, O'Brien, narrador ficcional e personagem do conto, conta como foi sua convocação para a guerra, o *draft*, e sua idéia de fugir para o Canadá. Passando um tempo na fronteira, ele reflete sobre os valores do verdadeiro "herói americano" e aponta para o equívoco de se pensar que ser um herói de guerra é algo nobre. Neste conto, O'Brien mostra-nos como o peso da guerra em um jovem não é tão simples e fácil como a sociedade, de modo geral, prefere pensar.

O'Brien narra toda a dificuldade pela qual passou para decidir se deveria ir à guerra ou se deveria fugir para o Canadá, por meio de descrições angustiantes e complexas. O narrador em primeira pessoa relata que as pessoas em sua cidade, personagens que representam toda a sociedade americana, não queriam tentar entender a guerra. Ele afirma que:

[...] they were sending me off to fight a war they didn't understand and didn't want to understand. [...] They didn't know history. [...] it was a war to stop Communists, plain and simple, which was how they liked things (1990, p. 45)

Isto mostra como a população preferia não pensar nos detalhes complexos da guerra e apenas justificá-la de maneira simplista. *The Things They Carried* é uma obra que revisita este período e força a sociedade americana a pensar nesses detalhes

complexos da guerra. Assim, vemos todos estes questionamentos graças ao uso da ficção revendo a História.

Em um outro conto, *Speaking of Courage* (1990, p. 136-54), O'Brien conta a história de um de seus companheiros de guerra, Norman Bowker, e sobre sua dificuldade em aceitar a vida pós-guerra. Bowker acaba de retornar do Vietnã e não consegue achar um rumo para a própria vida. A única coisa que consegue fazer é dirigir seu carro em volta de um lago próximo a sua cidade, sem nenhum objetivo. O'Brien usa essa metáfora das voltas que Bowker dá em torno do lago para mostrar como os jovens americanos ficavam perdidos após a guerra, sem objetivo para a própria vida. Norman Bowker também lutava com sua consciência por ter deixado seu colega de *platoon* Kiwoa morrer afogado em um campo de fezes. A tensão do conto, que revela o conflito da personagem e sua consciência, serve para generalizar os conflitos dos jovens veteranos e suas consciências, devido a atitudes tomadas durante o conflito. Ao final da narrativa, Bowker decide parar de dar voltas sem sentido; então, ele pára o carro e entra no lago.

No capítulo seguinte, chamado *Notes* (1990, p. 154-61), Tim O'Brien narra como foi o processo de criação do conto *Speaking of Courage*. Ele conta que recebeu uma carta de Norman Bowker na qual seu colega dizia não conseguir achar um rumo para a própria vida. A solução que Norman Bowker encontra é se enforcar em um vestiário do YMCA em sua cidade natal. Como narra O'Brien, "*the letter covered seventeen handwritten pages, its tone jumping from self-pity to anger to irony to guilt to a kind of feigned indifference. He didn't know what to feel*" (1990, p. 156). Norman Bowker sentia-se perdido e acabou por suicidar-se. Como no conto, ele cessa os movimentos circulares e entra no lago (morte). Podemos ver como O'Brien usa sua metaficção para reavaliar o impacto do pós-guerra na juventude americana.

Outro fato importante de ser notado com respeito ao conto *Notes*, é seu tom constante de catarse. O'Brien assume escrever para poder aliviar o peso da guerra. Ao contrário de Norman Bowker, O'Brien diz ter feito a transição da guerra para a paz sem maiores problemas. No entanto, ele assume que o que o ajudou muito foi o contar histórias. Como ele assinala, "*In ordinary conversation I never spoke much about the war, certainly not in detail, and yet ever since my return I had been talking about it virtually nonstop through my writing*" (1990, p. 157). Para aliviar a consciência, O'Brien conta histórias.

No último conto que integra o livro, *The Lives of the Dead* (1990, p. 225-46), O'Brien não apenas enfatiza esta atitude de narrar para aliviar a consciência, mas também para tentar entender o que aconteceu. Já na primeira linha, O'Brien afirma, "*But this too is true: stories can save us*" (1990, p. 225) e, então, segue relatando como, desde pequeno, o ato de contar histórias o ajudava a superar dificuldades, principalmente relacionadas à morte. Contando histórias O'Brien podia trazer de volta a vida e immortalizar aqueles que haviam morrido. Ele espera que, conforme conta as histórias, outras pessoas possam tomar parte delas. Por meio da seguinte afirmação, "*[...] you dream it as you tell it, hoping others might dream along with you*" (1990, p. 230). O'Brien parece almejar que suas histórias sobre o Vietnã não só ajudem-no a superar o trauma da guerra, mas que elas despertem outras pessoas para ouvir sobre aquele episódio. Seu livro pretende conscientizar a sociedade dos reais problemas e responsabilidades presentes em uma guerra.

O uso da "Metaficção Historiográfica" é, para O'Brien, uma forma de manter o passado vivo e aberto para que as pessoas possam repensá-lo. Ele visa a despertar a sociedade americana para os verdadeiros horrores do Vietnã. Como lemos em *Notes*, "*[...] it was a way of grabbing people by the shirt and explaining exactly what had*

happened to me” (1990, p. 157-8). Contar histórias é uma forma de chamar a atenção da população e mostrar que um conflito armado não é tão simples e fácil. Uma guerra envolve as vidas de pessoas, os ideais de uma sociedade. Pelo uso da “Metaficção Historiográfica” é que podemos reviver, visitar e repensar este período histórico e entender como isso nos influencia no presente. Caso a sociedade americana ouvisse esses relatos antes silenciados, talvez outras guerras poderiam ser impedidas como a que ocorre atualmente no Iraque.

Referências Bibliográficas

HUTCHEON, L. Historiographic Metafiction: ‘The Pastime of Past Time’. In: _____. *Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. London e New York: Routledge, 1989, p. 105-23.

O’BRIEN, T. *The Things They Carried*. Boston: Houghton Mifflin, 1990.

WHITE, H. The Fictions of Factual Representation. In: _____. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1978, p. 121-34.